

A PANDEMIA COMO UMA VIA HERMENÊUTICA PARA OS SENTIDOS: DO APRESSAMENTO À POIESIS NARRATIVA

PANDEMIC AS A HERMENEUTIC WAY FOR THE SENSES: FROM SPEEDING TO NARRATIVE POIESIS

 <https://orcid.org/0000-0002-6942-5707> Layta Sena Ribeiro ^A
 <https://orcid.org/0000-0003-1196-7383> Marcelo Silva de Souza Ribeiro ^B

^A Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Petrolina, PE, Brasil

^B Universidade de Pernambuco, Recife, PE, Brasil

Recebido em: 09 mar. 2021 | Aceito em: 10 ago. 2022

Correspondência: Layta (laytasena@gmail.com); Marcelo (mrribeiro27@gmail.com)

Resumo

A narrativa incide no descrever fenômenos, interpretar a história e o contexto social para compreender as histórias de vida. Logo, o objetivo deste texto é relatar sob a perspectiva epistêmica autobiográfica, em um contexto de pandemia, a experiência de ser uma pós-graduanda que viveu a interrupção da colheita de pesquisa trazendo reverberações na vida pessoal e profissional. A narrativa é formada pela apresentação vivida daquele que narra, dado que a realidade se estrutura complexamente e abre espaços para interpretações fluídas, particulares e impregnadas de vivências únicas. Foi possível compreender a experiência de viver a quarentena a partir de três categorias: “a experiência de parar”, “a experiência de produção acelerada” e “a experiência de compreender como está sendo viver a pós-graduação na pandemia”. Assim, apresenta-se a andariagem percorrida entre condições de sofrimento até o caminho de enfrentamento à crise e a ressignificação da identidade, ante a criação de projetos de sentido no encontro com a imprevisibilidade.

Palavras-chave: Coronavírus; Narrativa; Pandemia; Pós-graduação.

Abstract

Narrative focuses on describing phenomena, interpreting history and the social context to understand life stories. Therefore, the objective of this text is to report from an autobiographical epistemic perspective, in a pandemic context, the experience of being a graduate student who lived through the interruption of the research harvest, bringing reverberations in personal and professional life. The narrative is formed by the lived presentation of the narrator, given that reality is complexly structured and opens spaces for fluid, particular interpretations, impregnated with unique experiences. It was possible to understand the experience of living the quarantine from three categories: “the experience of stopping”, “the experience of accelerated production” and “the experience of understanding what it is like to live graduate studies in the pandemic”. Thus, the wandering through conditions of suffering to the path of facing the crisis and the re-signification of identity is presented, in the face of the creation of projects of meaning in the encounter with unpredictability.

Keywords: Coronavirus; Narrative; Pandemic; Postgraduate studies.



Introdução

Este relato de experiência narra a história de um dos autores na condição de estudante de pós-graduação num contexto de pandemia. As narrativas decorrentes de suas vivências vão desvelando reflexões de um mundo marcado pela pressa e produção, mas ao mesmo tempo a história aponta para possibilidades criativas da existência. O outro autor, mais na condição de espectador-testemunha, acompanha e dialoga, mesmo que em um pano de fundo, a partir de uma hermenêutica de sentidos que diz respeito ao mundo acadêmico, à saúde mental e à compreensão de ser pessoa e pesquisador num constante processo formativo.

A tão sonhada pós-graduação iniciada em 2019, logo após a formação como psicóloga ter se “completado” foi um momento fecundo para minha existência. Desde menina, eu sonhava ser cientista uma vez que a curiosidade em conhecer as coisas me mobilizava no jeito de ser. Obviamente que eu tinha uma representação diferente acerca do que seria ser uma pesquisadora, dado que a imagem evidenciada no senso comum remete aos jalecos, microscópios e tubos de ensaio. Mesmo assim, estava eu em 2018, colocada diante de uma grande conquista e de uma imperiosa jornada desconhecida no campo das ciências ditas “humanas”, mais especificamente a Psicologia, terreno pelo qual tenho trilhado passos há quase oito anos, sem, contudo, deixar de me colocar fronteira entre outras áreas do conhecimento.

Ao revisitar essas memórias, conteúdos temporais e geográficos são evocados, e sinalizam processos de engendramento e de futuridade (DELORY-MOMBERGER, 2012). Posto isso, meu trabalho no mestrado propõe uma pesquisa-formação com atores escolares sobre saúde mental em uma perspectiva psicossocial crítica e alinhada com saberes multirreferenciais. Porém, a colossal pandemia (redundância que considero afetivamente importante) da Covid-19 pôs em jogo a execução desse grande projeto investigativo e existencial e me confrontou com uma das características mais preponderantes da vida: a imprevisibilidade.

Refletir sobre a pandemia é um grande desafio e apresentá-la no formato de uma narrativa se torna ainda mais pungente para mim, dada a experiência ainda indigesta. O registro disso tudo na minha vivência é de uma experiência da vertigem. No tocante a essa experiência da vertigem, o mito de Cérbero me vem à memória, o cão de guarda dos portões do mundo inferior, que separava os vivos dos mortos e aqueles que, porventura fizessem a travessia para o reino de Hades, o deus dos mortos (CHRISTIE, 2010). O distanciamento social e as

consequências de ser infectado pelo coronavírus faz lembrar vividamente a impermanência e as incertezas como realidades da condição humana. Penso que Cérbero, metaforicamente falando, foi a minha (e a de muitos) consciência, que a todo tempo martelava sobre a radicalidade e fragilidade de ser gente, dado que uma vez atravessando a possibilidade de experimentar a morte, a decisão de correr o risco de estar do lado de fora do portão de nossas casas é muito custosa.

Um grande marco frente a essas vivências pandêmicas foi o desaceleramento nas relações humanas e nos compromissos de trabalho, pelo menos em um primeiro instante. Dado que a pausa que se fez inicialmente ante a notícia de isolamento social visou uma reorganização da vida e da nova realidade que se enfrentaria durante a quarentena. Com isso, muita coisa mudou desde o período de suspensão de aulas e fechamento de serviços. Transformações que se estendem da economia e do funcionamento extraordinário de diversos setores de ocupação, a alteração nos modos de trabalho e o ganho de novos hábitos, nas metamorfoses na subjetividade e nas interações humanas, entre tantas outras matérias. Essas questões pontuam a ocorrência de possibilidades de suspensão coletiva de formas de vida corriqueiras, talvez nunca antes experimentadas em uma época capitalista frenética, no qual não há tempo para o tédio, o silêncio e a reflexão providas deles.

O gênero narrativo aqui privilegiado como recurso expressivo das experiências e também como organização heurística é o responsável pela apresentação vivida daquele que narra, dado que a realidade se estrutura complexamente e abre espaços para interpretações fluídas, particulares e impregnadas de vivências únicas. A narrativa trata de uma maneira de se aproximar da realidade de modo significativo, dado que usa recursos temporais e contextuais para criar discursos com sentido sobre a vida e seus enlaces interacionais (MARQUES; SATRIANO, 2017).

Neste manuscrito, com a devida atenção metarreflexiva e poiética desvelou-se criativamente o que esteve/está encoberto. Logo, o objetivo dessa narrativa é relatar, em um contexto de pandemia, a experiência de ser uma pós-graduanda que viveu a interrupção da colheita de pesquisa, o que trouxe reverberações na vida pessoal e profissional.

A experiência de parar

Na graduação em Psicologia fui bastante ativa nas atividades de ensino, pesquisa e extensão. Para mim, esse envolvimento no curso sempre foi nutrido de muito significado, pois a descoberta de um outro mundo que circundava temas como compreensão, respeito, abertura, diversidade, equidade e mobilização política foram desveladores para a construção de uma nova cosmovisão muito particular. Porém, a sobrecarga produtiva marcou o meu corpo, cognição e as experiências advindas dessa hiperatividade.

No ensaio sobre A Sociedade do Cansaço, Byung-Chul Han (2017) aponta que o paradigma da negatividade cedeu espaço para o da positividade e do desempenho máximo, no qual as experiências de tédio e contemplação estreitaram-se, graças à quantidade abusiva de estímulos em prol de um suposto progresso civilizatório. A sociedade antes disciplinar deu lugar à sociedade da eficiência e autoexploração, aprofundando as atividades laborais, os discursos e a subjetividade em processos de adoecimento.

Nesse transcurso autoexploratório do capitalismo contemporâneo, fui/sou participante ativa desse movimento que registra visceralmente nas pessoas a necessidade de produção acelerada. O mundo acadêmico brasileiro não é diferente e é permeado pela eficiência e rendimento constantes, dando um tom de desenfreno ao organismo que, quando tenta descansar, sente fortemente os efeitos da vivência da culpa e a incapacidade real de parar.

Referente às colocações mencionadas, migrei da habituação à celeridade na graduação para a pós-graduação com o gás de quem está acostumado a ler, escrever, trabalhar e participar das aulas hiper atentamente. O primeiro ano de mestrado ocorreu como o esperado para mim que apesar de problematizar a superprodução, estava habituada com prazos, mesmo os que eu me autoimpunha e cobrava exasperadamente. Todavia, o processo passou por percalços adoecedores, como as minhas primeiras experiências com crises de ansiedade, além de problemas gastrointestinais e dificuldades para dormir. Essas são problemáticas comuns a vivências de estudantes de pós-graduação (COSTA; NEBEL, 2018).

A grande crise planetária causada pelo novo coronavírus, resquício de outros inúmeros desequilíbrios ambientais, sociais e políticos (SANTOS, 2020), a despeito do vertiginoso sistema capitalista, sublinhou um dos maiores acontecimentos da história recente: uma parada mundial das atividades socioeconômicas em todos os âmbitos da vida pública e privada, oportunizando novos modos de subjetivação e reorganizando processos de produção e de convivência humana. Com isso, notou-se uma intensificação das desigualdades, demarcou-se

muito mais claramente as concentrações de riqueza e foi possível perceber a importância das interações sociais como estabilizadoras ou agravadoras da saúde mental.

Assim que as regras de convívio se modificaram e as atividades do mestrado pararam indeterminadamente, momentos de incerteza se tornaram a base das minhas reflexões, ou tomando emprestado o termo utilizado pela autora Cunha (2020), que também aborda suas vivências de quarentena, teve-se como dimensão marcatória dessa travessia: a aporia.

Em um primeiro momento o que mais se insurgia em meus pensamentos era a ocorrência de que a pandemia duraria pouco tempo e não tardaria a ser revolidada pelas autoridades competentes. Friso que pensei isso não por uma crença no governo fascista presente, mas por entender que o mundo como um todo organizaria esforços para enfrentar a magnitude dessa crise, já que ela afeta o sistema produtivo.

Nesse momento inicial, interrompemos a retomada dos encontros da pesquisa-formação e os adaptamos à realização de encontros virtuais mais reduzidos, no que diz respeito ao público, já que há dificuldades com o acesso à internet por parte dos estudantes, bem como em relação à quantidade de encontros, já que estávamos vivendo um fenômeno que se intitulou por infodemia, ou seja, um excesso de informações e uso de telas, sejam elas televisões, smartphones ou computadores (GARCIA; DUARTE, 2020), e não queríamos, com isso, causar prejuízos aos participantes.

Esse período de aporia transcorreu-se, então, por um tempo, no que tange a minha pesquisa, focado no compartilhamento das emoções, dores e afetos vivenciados pelo temor ao desconhecido que nos coloca em xeque com a nossa existência e as mentiras contemporâneas relativas ao controle e precisão da vida.

Percebo hoje que não reparti muito sobre minha experiência e sensações com o grupo da pesquisa-formação, estive mais como ouvinte do nosso coletivo. Creio que eu estava em um momento de choque frente à nova realidade abrupta e extemporânea, e me detive a estudar e escutar sobre a temática da pandemia para me sentir preparada e acomodada à situação, embora isso tenha sido, como posso ver hoje, uma ingenuidade, ou até mesmo, uma tentativa desesperada por estabilidade. Ainda assim, esse momento de parada foi imprescindível para tomar fôlego, dar espaço ao meu corpo, suas sensações e vibrações, meditar e (re)organizar os sentidos acerca dessa nova experiência, mesmo que esse processo tenha tido idas e vindas.

A experiência de produção acelerada

A este instante interpretativo da minha experiência em relação à pós-graduação, por compreender que necessitava de um norte, resolvi por conta própria, e com a anuência do meu orientador, seguir um ritmo de criação e construção de atividades que tivessem sentido para o desenrolar do meu projeto e das minhas ocupações acadêmicas como ler produções com temáticas formativas importantes, participar e fazer resumos de uma chuva de eventos virtuais que surgiam, formular artigos para submissão a periódicos e participar de *lives* como organizadora, convidada ou ouvinte.

Todas as ações acima foram empreendidas com muito sucesso e todas aludiram a elaborações com significado. Porém, fui notando com a minha volta à psicoterapia, com a minha súbita mudança de rotina e com as muitas transformações interpessoais, no que diz respeito à aproximação ou no distanciamento das relações afetivas, que a cadência das minhas escolhas estava descompassada com as minhas reais necessidades, sendo um *insight* revelador.

A partir desses novos arranjos que foram se dando em minha formação subjetiva e profissional, muito naturalmente fui criando para minha nova realidade, projetos significativos para me acalantar, como a volta à literatura brasileira e ao cinema clássico hollywoodiano, conhecer novos artistas e ritmos musicais, a inserção da musculação em minha rotina, o zelo pelas atividades domésticas e o aprofundamento na arte de cozinhar.

Com relação a literatura, me dou conta que os últimos dois livros que li abordam a escrita autobiográfica, mostrando o meu achegamento a novas abordagens metodológicas na ciência. O tipo de prisma do qual tenho me aproximado, por meio das sugestões do meu orientador, pois tenho estado cansada de uma ciência que exclui a subjetividade ou só a reconhece parcialmente.

Os livros escolhidos são “Quarto de Despejo: Diário de uma favelada” da Carolina Maria de Jesus e “O Diário de Anne Frank”. Vejo que ambos me auxiliaram a pensar sobre o presente escrito, não só pela lógica narrativa de suas composições, mas por tratarem de temáticas como o isolamento social e a quarentena, descrevendo suas experiências e me inspirando a refletir sobre as semelhanças que vivo hoje.

Na análise de Santos (2020) sobre a pandemia do coronavírus existe uma “quarentena dentro de outra quarentena” (p. 32), isto é, há no mundo hoje, muitas mais epidemias, iniquidades e problemáticas sociais que não ocupam as manchetes, o debate público e a preocupação governamental.

Com essa referência, Carolina Maria de Jesus que vivia na comunidade do Canindé em São Paulo nos anos 50, tinha como trabalho ser catadora de papel para sobreviver, sustentando a si mesma e aos seus três filhos pequenos, apresentando como característica especial o gosto pela leitura e escrita, em que relatava sua excruciante realidade de forma improvisada em cadernos doados ou encontrados no lixo.

Carolina aponta, muito vividamente, a realidade de milhões de brasileiros que vivem em extrema pobreza e que estão sofrendo ainda mais com as restrições ocasionadas pela pandemia. Carolina deixa palpável, a fome e o descaso públicos implementados por essa era neoliberal perversa. Quantas Carolinas por não narrarem suas próprias histórias de vida estão ocultadas do cenário público pandêmico?

O cenário descrito por Anne Frank é ainda mais distante, mas apresenta semelhanças interessantes com a realidade presente. Seu relato descreve a vida de uma adolescente judia que durante a segunda guerra mundial viveu escondida com seus pais e outras pessoas em um esconderijo para se protegerem dos horrores nazistas. A contação de Anne é vívida, astuciosa e marca o processo experiencial de uma jovem que amadurece passando por momentos de privação, desamparo e solidão, no qual a alternativa para expressar-se, na maior parte do tempo, era a escrita.

Um ponto em comum entre nossas experiências de confinamento é a de como se torna ainda mais conflitivo conviver com as diferenças familiares, sobretudo quando não se há estratégias de enfrentamento à crise que sejam criativas, ou quando as mesmas são restritivas (Diretoria de Estudos e Políticas do Estado, das Instituições e da Democracia, 2020). É interessante notar como a autora vai com um tempo apresentando mudanças na sua personalidade e encarando com estranhamento suas próprias transformações, já que seus recursos de saúde foram construídos de acordo com as suas possibilidades: “estou contemplando esta Anne com serenidade e calma e folheio o livro da minha vida como se fosse uma pessoa estranha” (p. 125).

É curioso como o transcurso do tempo e as vivências que aconteceram vão nos revelando novos sentidos, a partir da recordação do passado e de como essas questões nos afetam no presente. Esses significados potencializam a construção de idealizações a respeito do futuro e possibilitam uma identificação com os nossos processos formativos existenciais e profissionais. A ótica autobiográfica, portanto, centraliza o sujeito e a narrativa, com o intuito

de proporcionar um encontro com uma reconfiguração sócio-histórica e coletiva (CUNHA, 2020).

Outro dado do qual me identifiquei com o relato de Anne Frank foram as vivências de produção descritas por ela como sem sentido, como a realização de cursos, atividades domésticas diárias repetitivas, demonstrando uma produtividade, muitas vezes, exacerbada apenas para “calar a angústia” diante das incertezas da vida e possibilidade de morte iminente. Heidegger (1988) apresenta a angústia como um afeto que nos mantém alerta às ameaças que podem alienar a autenticidade do ser. Ela é uma disposição a abertura e a singularidade, dado que somos seres-para-a-morte e temos a demarcação do tempo como uma (im)possibilidade existencial.

Dessa maneira, somos confrontados a (re)pensar a vida frente a esse novo arranjo cotidiano do isolamento. É por isso que a produção acelerada e desprovida de apropriação do ser tem nos deslocado a reexaminar escolhas existenciais e produzir críticas contra o neoliberalismo que sobrepuja a significação das experiências por roubar a contemplação necessária para tal.

Para continuar esse debate, Han (2017) discute a troca de uma sociedade disciplinar por uma estruturação social que se explora apaixonadamente até o colapso, em uma lógica neoliberal que fomenta discursos coletivos motivacionais para que os sujeitos introjetem a necessidade de desempenhar suas atividades a níveis animalescos. E esse tipo de sobre-esforço me levou a uma parada gradual nas minhas ocupações, até originar uma espécie de letargia que me movia apenas a tarefas que apresentavam a disponibilidade para reflexão de vivências da qual estive/estou imersa: uma crise política, econômica, social, de saúde pública e subjetiva.

Esse deslocamento do apressamento para uma lentificação é um apontamento que o autor acima ratifica como uma resposta comum e necessária a essas experiências contemporâneas de auto exploração, já que indicam um cansaço que permite um acesso a um outro modo de atenção, ao que poderíamos chamar de consciência ontológica, pois parte de um cuidado essencial que ele nomeia como gentileza consigo mesmo, que possibilita a capacidade de inspirar o sujeito.

Logo, após vivenciar esse transcurso e com o auxílio de algumas experiências de abertura ao desconhecido pude fabricar projetos existenciais formativos, não só de um ponto de vista pessoal, como também profissional, como pode-se notar a partir da própria feitura deste manuscrito, realizado a partir de um corrente ritmo meditativo.

A experiência de compreender como está sendo viver a pós-graduação na pandemia

Em uma perspectiva reichiana, a saúde pode ser entendida a partir da regulação entre os sistemas bioenergéticos de contração e expansão humana, pois a tendência para um ou outro estado indicam bloqueios e disfunções orgânicas sentidas no corpo e na psique. Portanto, a cadência entre a contração e expansão propicia uma acomodação mais integral aos processos psicológicos e corporais, já que estabilizam bloqueios e tensões promovendo relaxamento e prazer (WÜRZIUS; VOLPI, 2017).

Processos de rigidez causam somatizações físicas, tornando a autoexpressão disfuncional. Essas condições se mostram nas ações e reações às experiências da vida, bem como nas manifestações relacionais com as pessoas, no que diz respeito aos gestos, atitudes e posturas, podendo exteriorizar a partir disso, prazer ou angústia (WÜRZIUS; VOLPI, 2017). Fazendo um paralelo com as questões até aqui debatidas, o meu estado de contração provocado pela falta de reflexão e ócio foi dando espaço para o de expansão a partir de vivências como a imersão autêntica aos momentos de tédio.

Há uns meses, a partir da laboriosa decisão da universidade, dentro de uma disputa política pela assunção do reitor, bastante inflada pela situação bolsonarista no qual estamos imersos, o colegiado, do qual fazia parte como discente representante das reuniões, anuiu para a criação de um semestre extemporâneo e não obrigatório. Dessarte, o meu orientador junto propôs a criação de um curso, como matéria optativa, que abordasse a pesquisa-formação e as metodologias interpretativas de pesquisa.

O curso se deu de forma remota e quinzenal, tanto de maneira síncrona, como também de forma assíncrona, no qual debatíamos temáticas como a concepção da pesquisa qualitativa, seus rigores e suas variações, principalmente no campo da formação, das narrativas e das histórias de vida. Tudo isso a partir de vivências e discussões que integrassem experiências naquele espaço e as de formação prévias. Com isso, finalizamos a matéria com nosso relato pessoal-biográfico-formativo no formato de um portfólio.

Através do contato com o curso pude rememorar o prazer de pesquisar as experiências e de abordá-las por meio das narrativas. Também senti o impacto “vibrátil” de estar com outros, pois mesmo com compartilhamentos semelhantes, a respeito das repercussões pessoais ou profissionais, houve estranhamentos, mais que necessários, para que eu lembrasse o que é ser atravessada pelas alteridades (RAMOS; BALDOW, 2019).

O contato maior com a tônica autobiográfica, da contação e compartilhamento de histórias, me trouxe alívio e harmonização de afetos desorganizados, visto que estes recursos puderam auxiliar como (re)orientadores discursivos, pois possibilitaram uma melhor compreensão de significação da minha experiência em quarentena. Assim, essas vivências além de produzirem imenso sentido pessoal, se apresentaram como uma terapêutica, visto que eu pude entender como estava vivendo o processo pandêmico e o quanto isso reverberou na minha formação.

Em paralelo a isso, as vivências de tédio e as provocações causadas pela escuta ao Ser (em uma perspectiva ontológica), trouxeram nuances conceptivas das quais eu não estive até então consciente, ou das quais me afastei, por senti-las como angustiantes. O tédio, uma tonalidade afetiva fundamental para ser desperto precisa de um aprofundamento sobre como a vivência desse afeto atravessa o horizonte epocal, que em nossa conjuntura se marca pela técnica, que compõe o entorpecimento para o encontro do sentido, pois propicia através de ocupações constantes um mal-estar, que é, porém, paradoxalmente, denunciatório daquilo que se tenta esconder (MATTAR, 2020).

A crise que é instalada pelo tédio oportuniza um tipo de nudez necessária à assunção do ser-aí, ou seja, da apropriação das possibilidades de sentido do ser-no-mundo, em uma concepção ontológica, rumando a um encontro com o desvelamento daquilo que lhe é mais autêntico e verdadeiro (MATTAR, 2020). Por isso, o tédio possui essa instância desalojadora e profícua que nos possibilita a organização narrativa e criadora de nossas histórias.

Apoiado a essa experiência de tédio profunda que foi possível atingir, após uma imersão em reflexões sobre a minha formação existencial, um outro conceito importante para o debate que proponho aqui é a serenidade. A serenidade não pode ser compreendida como um estado de despreocupação, mas sim como um apontamento essencial para a apropriação do ser-aí. Esse deslocamento, por sua via, se dá reconhecendo que a era da maquinação em que vivemos exige um saber estar com essas produções, que envolva processos meditativos e que não nos distraia, nos tornando distante do Ser próprio e apropriado. Assim, existe um mistério convocativo nesse sentido, já que há uma abertura para o desconhecido das possibilidades (BRANCO, 2019).

Conseguir criar projetos e ressignificar essa trajetória trouxe saberes e (re)atualizações imprescindíveis a meu respeito, que espelham minha construção identitária e formativa. Foi possível aprender que produzir sem a possibilidade de criação significativa e crítico-reflexiva, amputa as possibilidades ético-políticas de pensar e agir sobre uma vida que não seja dominada

pela automação e apatia. Posso afirmar que nesse período de sofrimento que vivi/vivo, mesmo diante desses atravessamentos, consegui ser cronista dessas experiências e das contações que ainda venho produzindo sobre mim ao longo da quarentena.

Considerações (in)conclusivas

A criação da presente narrativa suplementou um processo de (re)invenção da minha história de vida que já vinha ocorrendo por intermédio de diversas vivências em quarentena, tais como: o adiamento da colheita de dados da pesquisa, a reflexão sobre o *modus operandi* social que fomenta a celeridade e mesmo a engrandece como um status de desenvolvimento, o temor à morte e as possibilidades de adoecimento frente à pandemia, a meditação sobre meu estilo de vida sedentário, a noção de proposição de enfrentamento a crises nas minhas relações interpessoais, entre outras coisas aqui já mencionadas.

São por essas motivações que importa falar em formação existencial que se dá na vida comum e rotineira, levando em consideração não só os espaços pedagógicos formais e seus ensinamentos, mas também ter em conta as aprendizagens que são geradas pelos demais espaços coletivos, que abrigam junto a esses âmbitos as singularidades e particularidades humanas.

É notório que a crise exige (re)invenção, e que esse transcurso se organiza através da narrativa, essa composição da história de vida que aponta caminhos significativos, próprios e apropriados e mesmo subversivos. A narrativa é o caminho para escutar a experiência e seus saberes, bem como os desejos, as intenções, as aspirações, os desafios e esperanças que a comportam e a complexificam.

Portanto, por mais que nesse instante que escrevo o artigo, exista a confiança em novas perspectivas com a distribuição recente da vacina no país, ainda devemos ter serenidade para lidar com as consequências sociais, políticas e econômicas da ordem capitalista neoliberal perversa que avilta os modos de vida tradicionais e revolucionários, além de degradar os recursos ambientais e o consequente equilíbrio de seus ecossistemas. Para isso, vislumbro me fortalecer com o ensinamento do grande educador Paulo Freire (2018) sobre a esperança e seu sentido profundo, no qual não se pensa em um estado de expectativa ansioso e de protelamento, mas sim uma condição de esperar constante, em que a luta aguerrida por melhores condições de vida pessoais e coletivas se pautem nas instâncias públicas por meio da contação, do debate e da contratualização dos modos de existir.

Referências

- BRANCO, Rodrigo Amorim Castelo. Da ausência de indignação à serenidade em Heidegger. *PERI Revista de Filosofia*, Santa Catarina, v. 11, n. 1, mar. 2019. Disponível em: <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/peri/article/view/3420>. Acesso em: 15 jan. 2021.
- CHRISTIE, Agatha. *A captura de Cérbero*. São Paulo: Leya, 2010.
- COSTA, Everton Garcia; NEBEL, Letícia. O quanto vale a dor? Estudo sobre a saúde mental de estudantes de pós-graduação no Brasil. *Polis. Revista Latinoamericana*, Santiago, v. 17, n. 50, ago. 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.4067/S0718-65682018000200207>>. Acesso em: 02 fev. 2021.
- CUNHA, Maria Amália Almeida. Narrar a minha experiência ou como buscar o lirismo em tempos de incertezas. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, Salvador, v. 05, n. 16, p. 1535-1548, Edição Especial, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.31892/rbpab2525-426X.2020.v5.n16.p1535-1548>. Acesso em: 02 fev. 2021.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. A pesquisa biográfica: projeto epistemológico e perspectiva metodológica. Tradução de Albino Pozzer. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. PASSEGI, Maria da Conceição. (Org.). *Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto)biográfica*: Tomo I. Natal: EDUFRRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2012, p. 71-94.
- FRANK, Anne. *O diário de Anne Frank*. São Paulo: Pé da Letra, 2020.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.
- GARCIA, Leila Posenato; DUARTE, Elisete. Infodemia: excesso de quantidade em detrimento da qualidade das informações sobre a COVID-19. *Epidemiol. Serv. Saúde*, Brasília, v. 29, n. 4, set. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1679-49742020000400019>. Acesso em: 28 jan. 2021.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- JESUS, Carolina Maria. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2014.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.
- MATTAR, Cristine Monteiro. Depressão, tédio e técnica moderna: contribuições da fenomenologia-hermenêutica. *ECOS-Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, v. 10, n. 2, p. 195-207, fev. 2020.
- MARQUES, Valéria; SATRIANO, Cecília. Narrativa autobiográfica do próprio pesquisador como fonte e ferramenta de pesquisa. *Linhas Críticas*, v. 23, n. 51, jun./set. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/lc.v23i51.8231>. Acesso em 15 fev. 2021.

RIO DE JANEIRO. Diretoria de Estudos e Políticas do Estado, das Instituições e da Democracia. *Prevenindo conflitos sociais violentos em tempos de pandemia: garantia da renda, manutenção da saúde mental e comunicação efetiva*. Rio de Janeiro: DIEST-RJ, 2020.

RAMOS, Renata Fernandes; BALDOW, Thomaz Guimarães. Posições de um Corpo Vibrátil: Considerações Sobre Corpo e Humanização. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*, v. 5, n. 3, set./dez. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/riae.2019.45306>. Acesso em 31 jan. 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A Cruel Pedagogia do Vírus*. Coimbra: Almedina, 2020.

WÜRZIUS, Rosemari Hennig; VOLPI, Sandra Mara Dall'Igna. O ritmo da vida no pulsar da energia e da respiração: seus processos e sua integração nas práticas da Psicologia Corporal e da meditação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXII, 2017. *Anais...* Curitiba: Centro Reichiano, 2017.